

INTRODUÇÃO FOTOS BOLÍVIA

“... to long for the lost, to love what lasts, to sing
idoltrous praises to the stars, is that too much to ask?”

Campbell McGrath, *California Love Song*

Numa das inúmeras conversas que tivemos, Dimitri e eu, ao longo do processo de elaboração deste trabalho, ele sugeriu que livros de fotografia em geral se assemelham aos de poemas, em que, apesar poder haver uma linha comum, cada foto (como cada poema) tem uma identidade própria, podendo sobreviver isoladamente do conjunto da obra. Já este trabalho, Dimitri refletia, estava mais próximo de um romance. Ele sentia que estava construindo uma história, uma narrativa longa, na qual o conjunto seria mais importante do que cada um dos trechos isoladamente. Não sei se concordo com a dualidade poesia x romance proposta por ele, mas o ponto é: se ele está se propondo a contar uma história, que história é essa? Se você, antes de ler este prefácio, já folheou o livro e viu algumas fotos, concluiu que é sobre a Bolívia, não é mesmo?

Não, não é. Quando Juan Rulfo escreveu *Pedro Páramo*, o livro que inaugurou o realismo fantástico latino-americano, e situou a trama na remota vila de Comala, no meio do deserto do norte mexicano, onde todos os habitantes, inclusive o visitante Pedro Páramo, eram fantasmas, não era sobre os fantasmas de uma vila distante que ele falava. O que movia Rulfo eram os fantasmas que viviam dentro dele. Fantasmas que faziam-no pensar sobre vida e morte, sobre permanência e impermanência, sobre finitude e eternidade. São os fantasmas que vivem dentro do artista que o fazem criar, mesmo que para isso ele precise sair de casa e viajar milhares e milhares de quilômetros.

Não que a Bolívia seja, aqui, um personagem menor, ou apenas um pretexto, longe disso. Sabemos que cada povo tem seu estoque de tragédias e

frustrações, de finais e recomeços, de contas a acertar com o passado e sonhos com relação ao futuro. Cada povo, com sua história, pode fornecer o arcabouço necessário para que se reflita sobre a tragédia humana, não só de uma maneira geral, mas principalmente sobre aquela experimentada intimamente, na carne, na alma, por cada um de nós. Se o arcabouço de Tolstói foram as guerras napoleônicas na Rússia czarista, e o de Ansel Adams eram as paisagens do parque Yellowstone, o de Dimitri, neste livro, é a Bolívia.

E de que Bolívia estamos falando? Nos anos imediatamente posteriores à independência das colônias ibéricas, no começo do século XIX, a Bolívia era uma das mais ricas e – aparentemente – promissoras entre as jovens nações latino-americanas. Senhora de um território extenso e recheado de reservas minerais, ela estava potencialmente à frente de todos os seus vizinhos, no rumo de um futuro que tinha tudo para ser exuberante, mas que, lamentavelmente, jamais se materializou.

Começemos pelo começo: no período anterior à chegada dos europeus, a cultura local, de língua aimará (que construiu a impressionante cidade de Tiahuanaco, perto do lago Titicaca), foi conquistada pelo império Inca, que falava quechua. Assim, quando os espanhóis se assenhoraram da região, já encontraram uma sociedade dividida, uma fissura que eles, ao adicionar um terceiro elemento, aprofundaram. Ainda hoje, a Bolívia é essencialmente composta por brancos, aimarás e quechuas. Quase não houve mistura, cada qual vive entre os seus, e as três línguas ainda são faladas pelos membros de cada grupo (a rigor, o problema é ainda maior, pois há uma considerável população guarani e de outras minorias indígenas na parte baixa do país, próxima ao Brasil e ao Paraguai).

Depois da independência, em 1825, os governos da elite branca não fizeram questão de incorporar os indígenas à cidadania. Governaram sozinhos, foram recordistas mundiais em número de golpes de estado sozinhos, foram corruptos sozinhos, fizeram besteiras monumentais sozinhos. Entraram em guerras e foram derrotados em todas. Cederam o Acre para o Brasil. Perderam para o Peru um considerável território amazônico; para o Paraguai, quase todo o Chaco; e, para o Chile, as ricas regiões produtoras de salitre, além de, essa sim a maior das perdas, ferida que teima em não cicatrizar, o litoral. Resumo

da tragédia: além da perda do mar, a Bolívia atual conta com aproximadamente 50% do território que possuía ao se tornar independente.

Dimitri vem visitando e fotografando aquela região há alguns anos, e desenvolveu, com o tempo, uma relação bastante especial com os bolivianos e sua história. É esse o arcabouço. O livro está dividido em três partes, que mergulham, cada uma de um jeito (inclusive usando abordagens e técnicas distintas), em um pedaço da complexa alma boliviana. A primeira parte traz fotos da região salitreira, aquela perdida para o Chile na Guerra do Pacífico. Aquele é um universo árido, desértico, que foi totalmente abandonado quando o salitre, que era essencial para a fabricação de pólvora, perdeu quase todo o valor de mercado, assim que, logo após a Primeira Guerra Mundial, químicos alemães sintetizaram em laboratório um substituto mais barato. O que se vê aqui são imagens de cidades absolutamente vazias, em cenas que me lembram a vila de Comala, do citado romance *Pedro Páramo*. Praças, ruas, casas, cemitérios... lugares onde pessoas viveram, riram, amaram, choraram, tiveram sonhos, pularam a cerca, ficaram doentes, morreram... Cenários que às vezes parecem exoesqueletos, sombras de vidas, registros ao mesmo tempo intactos e inatingíveis. A técnica usada para estas fotos, tão cara a Dimitri, é a mais tradicional possível, vinda sem escalas desde Ansel Adams em meados do século passado: câmeras Wista Field 8 x 10 com chassis de madeira, fotos feitas em exposições longas, alta definição, num universo em que nada se move. Honrando-se a tradição, foram utilizados aqui os velhos filmes e negativos, com revelações e ampliações químicas em laboratório.

A segunda parte traz fotografias de marinheiros da Marinha Boliviana, orgulhosos membros da força naval de um país que não tem navios de guerra, pois não tem mar, mas que se recusa, teimoso, orgulhoso, a aceitar este fato. O que perderam nos campos de batalha, os bolivianos têm tentado recuperar pela via diplomática, usando tudo o que podem, inclusive a ONU, instância na qual dormita, há décadas, uma solicitação do país para a devolução, pelo Chile, de uma faixa de mar. A existência de uma marinha de guerra boliviana – cujo único “mar” é o lago Titicaca (na realidade, 44%; a maior fatia do lago pertence ao Peru) tem sido, desde há muito, motivo de chacota para não pouca gente, incluindo alguns cidadãos, mais ácidos ou talvez mais realistas, daquele país.

Não há, porém, qualquer traço de ironia no tom que Dimitri procurou obter nas fotos. Pelo contrário, ele tentou registrar com respeito a solenidade trágica que há na esperança daqueles que, embora admitindo a quase absoluta impossibilidade da empreitada, jamais desistem. Mais do que os uniformes, Dimitri focou os olhares. São fotos enganadoramente despojadas, que se fazem de objetivas e até frias. É como se o fotógrafo pretendesse que Marinha boliviana falasse por si mesma, o que, é claro, não acontece. Aqui nós temos indivíduos que são parte de um povo que, sem ignorar as feridas do passado, insiste numa utopia para o futuro.

E a terceira parte do livro, finalmente, foi feita em El Alto, a grande obsessão de Dimitri nos últimos tempos, com fotos que são o resultado de pelo menos meia-dúzia de viagens para lá. Bairro caótico situado no planalto que circunda La Paz, com população metade quechua e metade aimará, em boa parte composta por famílias de ex-mineiros, El Alto deixou para trás a maldição de ser apenas mais um bairro da periferia de uma grande cidade latino-americana (todas iguais) e conquistou, nos anos de governo Evo Morales (aimará), além de um peso político capaz de decidir as eleições do país, uma identidade peculiar, otimista, caótica, barulhenta e colorida que, à primeira vista, parece uma monumental celebração ao brega, e que não encontra paralelo em nenhum outro lugar do planeta, nem mesmo na própria Bolívia. Aqui, tanto em fotos internas quanto externas, a técnica utilizada por Dimitri foi a mais contemporânea possível: câmeras Hasselblad eletrônicas (não escrevo “digitais” porque sei que ele não gosta), fotografias trabalhadas em computador.

Escrevi acima que cada povo tem seu estoque de tragédias, frustrações e sonhos, e que isso pode fornecer o arcabouço para a arte. Digo “arcabouço” porque o verdadeiro motor da criação artística, seja ela literatura, dramaturgia, artes-plásticas ou fotografia, repito, é o estoque de tragédias, frustrações e sonhos que habitam os indivíduos a quem chamamos de artistas. Se não for assim, pode-se estar diante de uma pesquisa acadêmica, de um documentário ou de uma matéria de jornal, mas não de arte. O que faz do livro de Dimitri uma excepcional obra de arte, para além das técnicas e do pano de fundo, são os fantasmas do fotógrafo, que ele foi reencontrar na Bolívia. Conhecendo

Dimitri há uns bons anos, alguns destes fantasmas eu até sei quais são, sei que alguns deles transitam pelos terrenos das perdas, das impermanências, da ideia de finitude, mas isso não importa. O que importa é que aqueles fantasmas estão aqui neste livro, nos encarando (e assombrando), desde as ruas e praças abandonadas das vilas salitreiras, desde os salões feéricos e multicoloridos de El Alto, desde as miradas melancólicas e orgulhosas dos marinheiros sem mar.

André Caramuru Aubert, setembro de 2019